

LESLIE WOLFE

**A RAPARIGA  
DO FIM**

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos livros

# 1

## PESADELO

**A**cordou em sobressalto, com o coração a acelerar imediatamente assim que a memória de estranhas mãos enluvadas a percorrer-lhe o corpo lhe invadiu a consciência. Ainda sentia o látex frio na pele, tocando-a, despindo-a, manipulando os seus membros, lançando arrepios de medo e de aversão através das suas veias. Lembrava-se de se sentir paralisada, de querer gritar, mas olhar, impotente, para o rosto de um monstro escondido atrás de uma máscara, rindo em gorgolejos ásperos e baixos que só ela podia ouvir, fitando-a com uns olhos implacáveis e cheios de ódio.

Esfregou a testa com os dedos trémulos e gelados e obrigou-se a respirar, arquejando em longos e profundos fôlegos para afastar a memória do perturbador pesadelo. Tinha de ter sido um pesadelo... estava na sua própria cama, com o seu pijama de seda favorito, e ouvia os passos apressados da mãe a preparar-se para o trabalho. Nada estava fora do lugar.

Um terror noturno, só isso. O pior de que se conseguia lembrar, um terror vívido que não esqueceria tão cedo, mas, ainda assim, apenas um pesadelo. Os seus olhos pousaram na foto de Pat, emoldurada na sua mesinha de cabeceira, e, por um momento, concentrou-se no seu sorriso afetuoso, imaginando os seus braços fortes a envolver-lhe o corpo, fazendo-a sentir-se novamente segura.

Melhor.

Levantou-se, sentindo os joelhos um pouco fracos, mas obrigou-se a sair do quarto, dirigindo-se para a cozinha. Tinha a garganta seca, como se há séculos não bebesse água. Encheu um copo no lava-loiça e bebeu-o avidamente, voltando depois a respirar.

– Bom dia, querida – cumprimentou-a a mãe, passando-lhe em seguida a mão quente pelo rosto. – Sentes-te melhor?

Ela franziu o sobrolho, um pouco confusa. Estava a falar de quê?

A mãe parou a sua correria de preparação matinal e examinou-a da cabeça aos pés. Depois, um ligeiro sorriso esticou-lhe os lábios.

– Estavas um pouco tonta ontem à noite e a tua pressão arterial estava baixa de mais para o meu gosto.

– Ah – reagiu ela, ainda de sobrolho franzido, apercebendo-se de que não se lembrava de grande coisa da noite anterior.

– Christina, já discutimos isto – disse a mãe no seu tom clínico, o tom que reservava para os seus pacientes mais desobedientes. – Comes pouco, estas sessões fotográficas consomem recursos, por isso *tens* de gerir as energias. Vais esgotar-te. A *Vogue* não vai falir se tirares um dia de folga de vez em quando.

Era o eterno conflito entre as duas. A mãe tinha boas intenções, mas não entendia que a carreira de modelo só durava alguns anos e ela não podia dar-se ao luxo de desperdiçar um único dia. Tinha vinte e seis anos e estava já a caminho de deixar de ser novidade. Não tardaria a que as agências comesçassem a enviar-lhe *e-mails* padronizados a dizer coisas do tipo: «Após uma análise cuidadosa, blá, blá, decidimos avançar com uma candidata diferente, que corresponde melhor às nossas necessidades neste momento.» Tradução livre? «És demasiado velha para isto, lamento. Temos alguém mais novo, arranja outra coisa para fazeres.»

Mas esse dia ainda não chegara; ainda era uma das modelos mais procuradas do ramo, e as suas sessões fotográficas levavam-na por todo o mundo, adornando-a com roupas de marca com as quais podia ficar após ter aparecido em cobijadas passarelas sob o incessante piscar de milhares de *flashes*. Tonta ou não, tinha um horário e planeava cumpri-lo. A limusina ia buscá-la às nove, e ela não ia estar pronta a tempo.

Fez-se forte e, com um sorriso radiante e um gesto da mão, pôs de parte as preocupações da mãe.

– Vou ficar bem, mãe, não te preocupes. Até faço umas análises, se quiseres, mas hoje não. Sobrou algum café para mim?

A mãe apontou para a máquina *Keurig*.

– Comprei-te algumas cápsulas de baunilha, daquelas de que tu gostas.

– De avelã também?

– De avelã também, querida – disse ela, sorrindo. Depois, depositou-lhe um beijo na face e saiu de casa a correr, sacudindo as chaves do carro na mão. – Bom voo! E descansa um pouco.

– Fá-lo-ei – respondeu Christina para a casa vazia, subitamente fria e silenciosa, e tão assustadora como o seu pesadelo.

Ainda a tremer, lançou à máquina de café um olhar pesaroso assim que se apercebeu de que eram nove menos um quarto. O tempo não lhe chegava para se maquilhar e vestir. Forçou-se a mover-se rapidamente, embora se sentisse como se estivesse a mover-se em câmara lenta, o ar denso como água, oferecendo demasiada resistência para o seu corpo enfraquecido superar.

Entrou na casa de banho e acendeu as luzes do toucador, examinando o rosto com um olhar crítico. Olheiras debaixo dos olhos, que exigiriam corretor, uma palidez que pedia mais *blush* do que o habitual e talvez um tom mais escuro de base. Olhos vazios e assombrados que necessitavam de um toque de sombra para realçar a sua cor esbatida.

Ligou o chuveiro e começou a desapertar os botões, ainda a examinar o rosto, mas os seus dedos hesitaram; olhou para o espelho e ficou sem fôlego. A parte de cima do pijama estava mal abotoada, com o botão do fundo enfiado na segunda casa a contar do fim. Trivial.

Então porque é que sentiu o sangue transformar-se em gelo ao olhar para as bainhas desencontradas?

Sentiu uma nova vaga de tonturas a percorrê-la e deu um passo atrás. Um gemido estrangulado saiu-lhe da boca, enquanto memórias ténues lhe invadiam a mente.

Mãos frias com luvas de látex a tocá-la, a despi-la, a manipular-lhe o corpo. Um olhar maligno e penetrante vindo de trás de uma máscara, e uma risada áspera e aterradora, o riso de um estranho, mas sinistramente familiar. O som do obturador de uma câmara, uma

e outra vez, num ritmo familiar de disparos rápidos. A sua própria pele a arrepiar-se quando aquelas mãos estranhas a invadiram. As mesmas mãos a vesti-la, a enfiar-lhe a parte de cima do pijama, roçando contra os seus seios enquanto apertavam os botões.

Envolveu o corpo com os braços e recuou, com passos vacilantes, até chocar contra a parede, de olhos cravados no espelho, na imagem dos seus botões mal apertados.

– Oh, Deus, por favor... – lamentou-se, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelas faces pálidas. – Por favor, não deixes que seja verdade.

O pesadelo era real.

## 2

### DIA DE FOLGA

**T**ess corria pela areia macia a um ritmo calmo, desfrutando do ar fresco da manhã, das cores suaves do oceano tranquilo e dos raios quentes do sol, tudo boas distrações para se impedir de pensar demasiado no homem que corria ao seu lado. Viu os seus pés baterem no chão em sincronia, partilhando um ritmo, quase como se partilhassem um batimento cardíaco. Depois, desviou o olhar para as águas esmeralda e deixou que um sorriso lhe esvoaçasse nos lábios.

Sabia-lhe bem partilhar com alguém um momento da vida. Há muito que não o fazia, e não sabia o que significava realmente aquele momento, se é que tinha algum significado. Talvez fossem só dois polícias a fazer exercício juntos, dois colegas, mais nada.

Claro que não havia mais nada. Ela era agente do FBI, ele era um detetive dos homicídios no Gabinete do Xerife de Palm Beach. Às vezes, investigavam casos juntos, quando o Condado de Palm Beach necessitava do apoio da agência.

Lançou-lhe um olhar rápido e franziu ligeiramente o sobrolho.

– Está a conter-se?

Ele olhou para ela e sorriu, mas não disse nada.

– O quê, vai invocar a Quinta<sup>1</sup>, agora? – perguntou ela, soando um pouco sem fôlego.

---

<sup>1</sup> Referência à Quinta Emenda da Constituição dos Estados Unidos, que garante aos cidadãos o direito a manter o silêncio, evitando assim uma possível autoincriminação. (N. da T.)

O sorriso dele aumentou.

– Está bem... – disse Tess, com um gesto desdenhoso da mão.

– Mudando de assunto. Porque não está o Michowsky a suar aqui connosco?

– Vai levar os filhos à pesca – disse ele. – Acabámos de fechar um caso difícil. Precisava de uma pausa.

– E o Todd?

– Eu? Estou bem, acho eu, mas uma pausa nunca fez mal a ninguém, por isso um fim de semana prolongado e mais dois dias de folga parece-me ótimo.

Alongou o passo por alguns segundos. Depois, virou-se, postando-se à frente dela e começando a correr de costas, sem perder o ritmo.

– Tem planos para o fim de semana, agente especial Winnett?

Tess hesitou antes de responder. Não eram precisos doze anos como agente federal para saber para onde a conversa se encaminhava. Queria sair com o detetive Fradella? Talvez não fosse o mais inteligente ou o mais lógico a fazer, mas a ideia fê-la sorrir.

Lançou a Fradella um olhar rápido e resguardado. Era um polícia perspicaz, suficientemente curioso para fazer perguntas invulgares e suficientemente ousado para formular teorias intrigantes. Ambicioso e ávido por aprender, estivera disponível vinte e quatro horas por dia durante as suas investigações mais recentes, absorvendo insaciavelmente técnicas e metodologias de construção de perfis e aplicando-as depois corretamente à primeira oportunidade que surgira.

Mas não era para aprender técnicas de análise comportamental que ele ia a correr ao seu lado nessa manhã. Encontrava-se ali como amigo, um amigo disposto a estar onde quer que ela lhe permitisse estar. Essa manhã era diferente; exigira força de vontade, mas Tess decidira afastar-se do seu passado, obrigando a sua mente a ignorar a ferida que jamais sararia por completo, a distante mas ainda viva memória daquela noite terrível, doze anos antes.

Talvez estivesse na altura de seguir em frente, ainda que isso significasse dar pequenos passos e permitir que as pessoas se aproximassem um pouco. Talvez fosse tempo de aprender a viver novamente; o passado já a mantivera prisioneira durante tempo que chegasse.

– Hum, ainda não sei bem – respondeu por fim, olhando de soslaio. – Não tenho nada na agenda, mas os fins de semana costumam ficar bastante movimentados – acrescentou, na brincadeira.

– Então é melhor despachar-me e convidá-la para jantar esta noite – disse ele, sorrindo sob um ligeiro franzir de sobrolho inseguro. – E um filme?

Tess riu-se.

– Vou ver o que posso fazer. O que tinha em mente?

– O que lhe apetecer – respondeu ele rapidamente, virando-se de novo e recomeçando a correr ao lado dela.

– Isto não foi propriamente planeado, pois não, detetive? – perguntou ela, fechando-se depois em copas, envergonhada e prestes a pedir desculpa. Ele não merecia o interrogatório que Tess estava a fazer-lhe.

– Não – respondeu Todd, erguendo as mãos. – Eu sou assim, pura espontaneidade.

– Ahã – assentiu ela, continuando depois a correr em silêncio durante cerca de um minuto, com a mente totalmente vazia de quaisquer pensamentos e agradavelmente relaxada.

– Ei, importa-se que lhe faça uma pergunta de trabalho? – perguntou ele, passado algum tempo.

– Dispare.

– Porque recusou o convite para se juntar à Unidade de Análise Comportamental?

Tess fitou-o por um momento.

– Isso não é uma pergunta de trabalho. É pessoal.

– Desculpe, não queria intrometer-me – murmurou ele, mantendo os olhos fixos em frente, na linha do horizonte.

– Não, quero dizer que é uma pergunta pessoal, não de trabalho, mas vou responder de qualquer forma. – Fez uma pausa, sem saber quanto devia partilhar. – Não me sentia preparada, sabe? E Quantico? Não é para mim.

– Porquê?

Abrandou até parar, virando-se em seguida para olhar para o oceano que brilhava com um milhão de centelhas ao sol da manhã.

– Deixaria isto? – perguntou, apontando para a água.

– Por Quantico? Num piscar de olhos – respondeu ele, com um grande sorriso.

Nem sequer estava ofegante após a corrida de cinco quilômetros pela praia macia. Subitamente, Tess sentiu-se cansada e sentou-se na areia, inclinando a cabeça para trás para deixar que o sol lhe aquecesse o rosto. Sabia bem, como dedos hábeis a fazer-lhe uma massagem facial, enquanto o vento lhe brincava com o cabelo. Se se deixasse ir, podia ficar assim para sempre.

– Não o conheço, detetive Fradella – acabou por dizer, com um laivo de diversão na voz. Depois, o seu tom tornou-se sério. – Pensei muitas vezes em Quantico, mas simplesmente não me parece certo.

– Aquele tipo da UAC disse que a ajudava a adaptar-se, não foi? Por um momento, Tess franziu o sobrolho, tentando recordar-se.

– Refere-se ao agente especial supervisor Bill McKenzie?

Fradella assentiu.

– Foi ele que me nomeou para o cargo, mas não é uma questão de adaptação. Estaria a trabalhar em casos, como fazemos aqui, só que a perseguir os piores criminosos possíveis, a fechar os casos mais brutais, e a nível nacional, não regional, como faço agora. Isso significa viajar, muito tempo passado longe de casa.

– Nesse caso, eu é que não *a* conheço, agente especial Winnett – respondeu Fradella, com um sorriso persistente. – Nunca a vi fugir de um caso difícil, para não dizer que não me parece particularmente apegada à sua casa.

Era esse o problema de sair com um colega, e ainda por cima um bom investigador. Não podia mentir nem fugir às coisas, pois ele facilmente a apanharia e as perguntas continuariam a jorrar. Tinha razão em continuar a perguntar, pois ela ainda não referira o principal motivo para ter recusado a oferta de Bill e o instinto dizia-lhe que havia mais naquela história. Demorou um momento a pensar nisso, ainda que não fosse a primeira vez.

Não se sentia assim tão segura de si, ainda não, não o suficiente para Quantico, para trabalhar em equipa juntamente com os mais brilhantes investigadores de toda a agência. Sempre que pensava que o seu passado fora enclausurado para sempre, o seu stresse pós-traumático ressurgia com um inesperado momento de hipervigilância,